Relato de Experiência

O USO DA IMAGEM (ÁLBUM DE FAMÍLIA) NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

José Sérgio Oliveira Sales

SEDUC – TO [josesergiooliveirasales@gmail.com](mailto:josesergiooliveirasales@gmail.com)

Rebeka Dias Bastos **rebeka.dias@mail.uft.edu.br**

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Gecimara dos Santos Sousa **gecimara.sousa@mail.uft.edu.br**

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Genilson Ferreira dos Santos **Genilson.ferreira@mail.uft.edu.br**

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Itainara Rodrigues Alves **ithainaraithaianra@gmail.com**

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Evellyn Coelho Da Silva Aguiar **evellyn.coelho@mail.uft.edu.br**

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Carlos Eduardo Macario Oliveira **carlos.macario@mail.uft.edu.br**

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Karolayny Soares Dias **karolayny.dias@mail.uft.edu.br**

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Victoria Sobrinho de Oliveira **victoria.sobrinho@mail.uft.edu.br**

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

1. **Introdução**

Na sociedade contemporânea, pensando especificamente após o advento da fotografia no qual surgiu no século XIX e se popularizou no século XX, o uso de imagens por meio de fotografias ganhou destaque e fez-se presente no seio familiar retratando cenas e momentos dos mais variados tipos, do simples cotidiano aos mais grandes e gloriosos eventos de toda uma vida, digo mais, do berço ao caixão nada escapa ao clic das mais variadas marcas de modelos de supermáquinas criadas para captar o instante, o momento. Sobre tal advento salienta Maria Elisa Lopes em ÁLBUNS DE FAMÍLIA – Fotografia e Memória; Identidade e Representação (2010),

Aperte o botão que nós fazemos o resto”, esse slogan representativo na história da criação da Kodak de George Eastman, assinala a massificação das imagens e do retrato fotográfico ao longo do século XX. Na contínua transformação imposta pelas modernas sociedades industriais a câmera fotográfica se populariza e pode ser vista na atualidade como um bem comum, presente em quase todas as casas; servindo, sobretudo, para acompanhar a vida da família, celebrar imageticamente seus ritos, testemunhar suas conquistas, marcar simbolicamente a sua continuidade, além de eternizar a sua trajetória.

Neste sentido, nosso relato de experiencia pauta-se no uso de fotos de álbum familiar no qual entendemos que as mesmas podem ser utilizadas como uma valiosa fonte histórica. Dessa forma, tais fontes imagéticas podem fornecer insights sobre a vida cotidiana, eventos familiares, mudanças ao longo do tempo, permanências e rupturas, e até mesmo revelar detalhes culturais e sociais. Em suma, podem nos apresentar um cenário “fidedigno” de comportamentos que ainda persistem ou que outrora já não existem mais. Nas palavras de Peter Burke em (Testemunha Ocular. Bauru, SP: EDUSC, 2004.) “imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular.”

Cabe ressaltar também que ao analisar essas fotos, é importante considerar o contexto em que foram tiradas, os rostos, roupas, cenários e objetos presentes nelas, pois, faz-se necessário a apuração crítica quanto à veracidade do que é retratado. Sua crítica quanto ao uso indevido das imagens é que, quando exibidas em pesquisa, elas surgem meramente para ilustrar conclusões às quais o autor já havia chegado através de outros meios.

Os personagens centrais para o exercício de tal oficina são os alunos do Centro de Ensino Médio Castelo Branco, escola jovem em ação, em Araguaína – TO, especificamente alunos do segundo ano do Ensino Médio, turmas 23:01 e 23:02, que fazem parte da disciplina trilhas do aprofundamento, componente curricular da nova base diversificada do novo Ensino Médio.

Assim, as turmas escolhidas tiveram dois encontros semanais com a equipe de estudo/pesquisa promovendo assim uma relação de trabalho na perspectiva de buscas, análises, registros e devolutiva. Os mesmos receberam um documento para autorização do compartilhamento das fotografias assinados por seus pais ou responsáveis.

Para tal atividade o grupo de 08 discentes pibidianos foi divido em duas partes iguais (equipe alfa 04 alunos e equipe beta 04 alunos) para melhor receber, analisar, sistematizar e problematizar as fotografias colhidas junto aos alunos das devidas e respectiva séries outrora anunciadas.

Observou-se que no decorrer dos trabalhos as equipes foram capazes de identificar fragmentos e vestígios importantes diante das imagens como onde, quando, cenário, vestimentas, evento, pessoas envolvidas, enfim, extrair informações relevantes que puderam contar a narrativa materializada por meio destas memórias eternizadas nas fotografias. Portanto, as equipes apresentaram um forte olhar crítico diante dos testemunhos oculares visando um aprofundamento na extração de informações, ou seja, não permanecer apenas na espuma do oceano, mas sim mergulhar nas suas mais densas profundezas.

1. **Objetivos**

O objetivo da ação pode ser sintetizada em três frentes, primeiro, buscar uma possível correlação entre os registros imagéticos e a construção da identidade de seus respectivos familiares, uma vez que as fotografias são testemunhos oculares que evidenciam toda a dinâmica da vida social/familiar, em seguida, investigar a historicidade da família por meio e uso das imagens fotográficas observando comportamentos, hábitos e tradições, e por fim, porém não menos importante, poder utilizar esta rica coleta de dados e informações para pensar rupturas, permanências e continuidades nos ambientes e aspectos sociais, culturais que compõem o espaço de convivência no qual residem os mesmos.

Portanto, acreditamos responder a tais objetivos fazendo uso desta prática de investigação histórica, sempre pautando a flexibilidade dos objetivos e atentando para possíveis novos outros surgidos no decorrer da pesquisa.

1. **Registro Imagético – História, Memória e Tradição**

Todo e qualquer registro fotográfico será levado em consideração, das mais banais cenas cotidianas até os grandes momentos de glória devidamente esperado e guardados nas memórias, afinal, o ofício central do historiador é a investigação minuciosa de todas as peças deste longo e distante quebra-cabeças chamado de passado, portanto, todos os vestígios devem ser levados em consideração, pois, a história é feita de lacunas.

Sendo assim, absolutamente nenhuma imagem deve ser ignorada ou classificada como primária ou secundária, todas precisam passar pelo crivo historiográfico para se buscar a mais próxima possível reconstrução ou resgate história familiar e seus respectivos comportamentos, hábitos ou manifestações culturais, em suma, como um verdadeiro detetive aos moldes das séries policiais modernas, o historiador deve se debruçar sobre tais fontes visando entregar a sociedade sempre uma melhor visão e compreensão do passado, assim, de forma crítica e problematizadora poderemos pensar nos fatos ocorridos almejando mais luz e conhecimento sobre os atuais, ou futuros. Esta combinação entre álbum fotográfico e família pode ser apresentada por meio da visão de Susan Sontag (2004, p. 19), pois, a mesma afirma que “por meio de fotos cada família constrói uma crônica visual de si mesma e suas imagens portáteis servem para testemunhar sua coesão.”

Após os respectivos grupos se debruçarem sobre as fotografias, observando cuidadosamente suas especificidades temporais e locais, os alunos da unidade escolar que fazem parte da pesquisa irão compartilhar suas memórias afetivas diante das imagens trazidas por meio de rodas de conversas em conjunto com os pibidianos visando com isso a socialização das informações colhidas e as experiências vividas pelos personagens das imagens capitadas.

Espera-se, assim, que esta troca e compartilhamento de experiências possa enriquecer a compreensão coletiva das histórias familiares. Além de apontar novos caminhos e olhares diante dos registros pesquisados uma vez que as fontes são objetos de lacunas permanentes, portanto, cabe o olhar atento e investigativo para este momento de rememorar fatos e versões.

Com a popularização da fotografia no século XX, tanto de cunho profissional (pensando o uso nas redações de jornais, revistas, sites, blogs, entre outros) quanto para uso pessoal ou familiar, também veio a necessidade de se aprimorar o olhar para com todo este excesso de conteúdo imagético, ficar mais atento, ter uma percepção cada vez mais crítica e problematizadora. Neste sentido algumas falácias, tal como “uma imagem vale mais que mil palavras”, não se sustenta uma vez que toda e qualquer imagem foi construída, elaborada por um autor que almeja chegar até um espectador, assim, ela não foi construída de forma neutra, imparcial, a mesma estar coberta de sentidos advindo da formação histórico/social/cultural/ético/ideológico de seu autor, existe sim uma mensagem no qual se deseja alcançar, resultados são esperados. Sobre tal aspecto, salienta Peter Burke (2004),

É desnecessário dizer que o uso do testemunho de imagens levanta muitos problemas incômodos. Imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho. Elas podem ter sido criadas para comunicar uma mensagem própria, mas historiadores não raramente ignoram essa mensagem a fim de ler as pinturas nas “entrelinhas” e aprender algo que os artistas desconheciam estar ensinando. Há perigos evidentes nesse procedimento. Para utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fonte, estar consciente das suas fragilidades.

Dessa forma, entendemos que toda e qualquer imagem precisa passar pelo crivo do olhar atento e crítico do historiador, apontando suas intenções e contradições, questionando a razão pela qual este ou aquele personagem foi selecionado para estar no centro ou na periferia da imagem, bem como também a escolha do cenário com todos os objetos que compõem a narrativa desejada e ensaiada, enfim, descortinar aquela primeira impressão e mergulhar nas especificidades visando obter valiosas informações que outrora não são as desejadas.

Portanto, numa sociedade em que do berço ao caixão tudo foi registrado e guardado por meio e uso das fotografias, cabe ao historiador selecionar, sistematizar e problematizar todo este conteúdo imagético numa clara tentativa de encontrar padrões éticos/morais de comportamentos, mudanças/rupturas ou continuidades nos aspectos sociais, políticos e econômicos, enfim, extrair deste cotidiano registrado elementos da macro e micro estrutura no qual estes sujeitos estão inseridos, visando com isso, a construção qualitativa da informação, pois, numa sociedade democrática a qualidade da informação é a garantia da liberdade.

1. **Considerações Finais**

Espera-se ao término desta oficina a possibilidade de fortalecimento das identidades dos alunos envolvidos, bem como uma maior conexão entres os mesmo uma vez que suas realidades não são tão distantes assim. Ao tocar nas memórias afetivas individuais e coletivas, abre-se a possibilidade de reconstrução histórica, reencontros passados, fortalecimento ético com as linhagens.

As fotografias guardam um pouco a História, a memória e a tradição de uma comunidade, de seus homens e mulheres que no tempo e espaço construíram suas respectivas vidas e significado deram a ela, seja por meio de símbolos ou ideologias outras. Cabe destacar que as imagens conseguem captar apenas uma pequena parte deste imenso campo de símbolo e significado no qual norteia toda uma existência.

Sendo assim, nas palavras de Elias Thomé Saliba em “Experiencias e representações sociais: reflexões sobre o uso e consumo das imagens”

os álbuns de família com suas infinitas possibilidades de leitura configuram um material rico em narrativas. Acompanhá-las (as fotos e as narrativas que produzem) é flertar com a desaceleração do tempo, a chance de partilhar os bens simbólicos que estão sob a tutela do guardião de um “museu familiar”.

Portanto, pode se assegurar que toda e qualquer fotografia é um texto, em outras palavras um texto/imagem, e como qualquer outro documento o mesmo estar passível de análise/leitura e interpretação, assim, os registros imagéticos de cunho familiar nascem do desejo de narrar para a posteridade a trajetória do grupo, demonstrando com isso toda sua importância na perspectiva dos mais variados universos no qual sua existência aconteceu.

1. **Referências Bibliográficas**

BURKE, Peter. **1. Origens da História Cultural**. Variedades de História Cultural. Trad. Ada Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. pp. 11-39

LOIZOS, Peter. **Video, filmes e fotografias como documentos de pesquisa**. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 1º Reimpressão. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. pp. 137-156

MONDZAIN, Marie-José. **A imagem entre a proveniência e a destinação**. In: ALLOA, Emmanuel. Pensar a imagem. 1º Ed. BH: Autêntica Editora, 2015. pp. 39-55

MCLUHAN, Marshall. Primeira Parte. 1. **O meio é a mensagem**. In \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Os meios de comunicação como extensões do homem. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2997. pp. 21-38

MARTINS, José de Souza. **1. A fotografia e a vida cotidiana: ocultações e revelações**. \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Sociologia da Fotografia e da imagem. 2º ed., 5º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019, pp. 33-63

PENN, Gemma**. Análise semiótica das imagens paradas**. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 1º Reimpressão. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. pp. 319-343

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. ÁLBUNS DE FAMÍLIA – Fotografia e Memória; Identidade e Representação.

SALIBA, Elias Thomé. **As imagens canônicas e a História**. In: CAPELATO, Maria Helena. et. al. História e cinema: dimensões históricas do audiovisual. 2. Ed., São Paulo: Alameda, 2011, pp. 85-97

**VI. Agradecimentos**

Os agradecimentos são destinados as instituições Universidade Federal do Norte do Tocantins e Centro de Ensino Médio Castelo Branco, pois, por meio de uma parceria conseguiu juntar graduandos e secundaristas num projeto sobre o uso de imagens como ferramenta na construção do conhecimento histórico, neste sentido as experiências trocadas e acumuladas serão de grande valia para um olhar mais crítico e problematizador acerca das fontes imagéticas, além de possibilitar uma maior aproximação junto a realidade das escolas fato este de extrema relevância uma vez que a extensão universitária precisa acompanhar as mudanças que ocorrem nestas modalidades de Ensino.

Sendo assim, todos os agradecimentos são dignos e merecedores e esperamos que tal iniciativa se prologue por mais longos anos, pois os resultados serão profissionais mais qualificados para o exercício da docência num desafio constante de melhorar o processo ensino aprendizagem visando sempre a prática cidadã e qualificação profissional.